



## A Construção Histórica dos Símbolos ao “Motorista Gregório”<sup>1</sup>

Iury Parente ARAGÃO<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

### RESUMO

Esta pesquisa busca verificar o processo de como a água passou a ser símbolo do santo não-canônico Motorista Gregório. O objetivo é compreender como a água está presente no imaginário dos devotos e da mídia, assim como entender a capacidade de os ex-votos transmitirem mensagem. As referências foram variadas para que o processo pudesse ser entendido, sendo fundamentais Luiz Beltrão, Câmara Cascudo, Roland Barthes e Pierre Bourdieu. Como metodologia, foi necessário realizar pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevista semiestruturada. Os resultados apontam para a indissociabilidade entre a sede e o santo não-canônico durante toda a história, como também que a garrafa com água como ex-voto é ruidosa em sua comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religiosidade; Ex-votos; Mídia; Devotos.

### INTRODUÇÃO

Em 17 de outubro de 1927, nas cidades de Barras (PI) e de Teresina (PI), um delegado matou um motorista, e esse assassinato marcou os dois municípios. Foi o homicídio de Gregório Pereira dos Santos, o Motorista Gregório, pelo delegado Florentino Cardoso. Na época, o acontecimento teve grande repercussão, com os jornais “A Imprensa” e “O Piauí” falando sobre o caso e as populações demonstrando indignação, como afirmou o assassino em depoimento prestado, em 1975, ao perito criminal Vital Araújo:

É verdade que na missa de 7º dia os motoristas passaram buzinando em frente à penitenciária. Mas não foi apenas neste dia. Todos os dias de finados eles passavam fazendo aquela buzina terrível. Besteira, porque a pessoa que morre não precisa nada disso. Mas tudo isso era contra minha pessoa, eu sabia.

O Motorista Gregório foi ganhando a fama de milagreiro, com os devotos acreditando num martírio, com espancamento, com correntes, com falta de comida e de água. E, por fim, enxergando um motorista inocente amarrado à beira do rio Poti, olhando para a água e morrendo, por causa da sede.

Em torno da lembrança da morte dolorosa do Motorista Gregório, surgiram histórias de milagres, ex-votos e homenagens feitas pelo poder público como a “Rua Motorista Gregório” e a “Praça Motorista Gregório”, além do posto do Departamento Estadual de Trânsito (Detran-PI)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, e-mail: iparagao@yahoo.com.br.



que foi nomeado de “Espaço do Usuário Motorista Gregório”, que rendeu inauguração com a presença de algumas autoridades:

O governador Wellington Dias estava representado na solenidade pela secretária estadual da Administração, Regina Sousa. Também estiveram no evento o diretor-geral do Detran-PI, Assis Carvalho, o secretário dos Transportes, Robert Rios, o secretário de Agronegócios, João Batista Alves, a prefeita de Altos, Elvira Raulino e várias outras autoridades, como o perito criminal Vital Araújo, que desenvolve trabalho pela beatificação do motorista Gregório. (2003, on-line<sup>3</sup>)

Homenagens foram/são feitas e símbolos<sup>4</sup> foram/são criados, e, para este artigo, o foco de análise estará, especialmente, nos ex-votos, os quais são colocados no monumento ao Motorista Gregório e no túmulo do santo não-canônico. Porém, qualquer outra representação material da história, dos milagres ou da morte do motorista, poderá ser observada mais atentamente.

Os ex-votos são carregados de histórias, sentidos, vontades, desejos etc., tornando possível que um único objeto seja capaz de relatar o sofrimento de devotos, tendo, ainda, a capacidade de mostrar aos observadores traços sociais e históricos de um grupo que vivencia uma determinada crença. Analisar os ex-votos colocados no túmulo e no monumento feito em homenagem ao Motorista Gregório se faz importante, pois, por eles, é possível entender as características do grupo que tornou santo um jovem motorista assassinado. Desta forma, duas perguntas precisam ser realizadas para o desenvolvimento deste trabalho: quais processos históricos fizeram parte da construção dos símbolos existentes em torno do caso Motorista Gregório? Qual é a “concentração simbólica<sup>5</sup>” existente nas garrafas de água deixadas no Monumento ao Motorista Gregório?

Os materiais para análise foram conseguidos através de observação participante da romaria ao milagreiro no Dia de Finados de 2010, tendo o pesquisador observado 13 horas de manifestação (das 6:30h às 19:30h) no monumento ao Motorista Gregório, anotando os ex-votos colocados e entrevistando os devotos. Os ex-votos depositados no túmulo do motorista também foram verificados, com uma visita às 6 horas do dia 02/11/2010 e outra às 12:30h do dia 03/11/2010 para que fossem contados a quantidade de peças colocadas nesse período de tempo.

---

<sup>3</sup> “Governo inaugura posto do DETRAN em shopping”, Disponível em:  
<http://www.piaui.pi.gov.br/novo/materia.php?id=5171>

<sup>4</sup> “Símbolo” será entendido como um “objeto material que serve para representar qualquer coisa imaterial” (DICIONÁRIO MICHAELIS).

<sup>5</sup> Por “concentração simbólica” entendo a quantidade de histórias, vontades, sentidos e significados existentes em uma peça, em um símbolo, que, neste caso, são os ex-votos. O assunto será abordado mais pacientemente no tópico “Ex-voto para o Motorista Gregório”.



## EX-VOTOS

Em muitas partes do Brasil há “salas dos milagres”, que são espaços reservados para que os devotos rezem, agradeçam os milagres recebidos e peçam ajuda para superarem situações difíceis. São locais onde são depositados ex-votos, sendo, na definição de Luís da Câmara Cascudo (2000, p. 612):

Lugar onde os fiéis depositam os chamados **ex-votos**, objetos que testemunham o milagre acontecido e o “pagamento de promessa”. A sala dos milagres, no Brasil, além de refletir a devoção e a fé dos católicos, é também um indicador dos problemas socioculturais das diversas regiões.

Os ex-votos são peças feitas artesanalmente ou compradas prontas. Ao serem expostas, elas narram algo para quem as vê: contam milagres, as dificuldades pelas quais as pessoas passam e mostram o poder que um santo tem. Uma sala dos milagres que merece destaque é a do Padre Cícero, localizada na cidade de Juazeiro do Norte (CE). Ela é organizada como um museu, contendo inúmeras peças, e é um ambiente em que o visitante anda pelos corredores observando os principais desejos do povo e os infortúnios que podem ser superados apenas com a ajuda de uma alma bendita, segundo a fé popular. São partes do corpo feitas de madeira ou gesso, fotos, cartas, bilhetes com pedidos de graça, diplomas universitários etc.



Imagens de ex-votos depositados ao Padre Cícero, em Juazeiro do Norte.  
Fonte: autor da pesquisa.

Os ex-votos são, de acordo com Luís da Câmara Cascudo (2000, p. 220):

Do latim *votum*, coisa prometida. “O que se promete deve ser pago”, diz o ditado. Ex-voto é o que se promete ao santo de devoção para se receber a graça, ou o que se oferece por tê-la alcançado. Não é exclusivo do mundo católico; encontra-se em toda parte, tendo sido registrado desde a Antiguidade, entre os assírios. O ex-voto reflete tudo o que tem afligido ou exaltado o ser humano ao longo dos séculos; testemunho de fé que se fortaleceu com o sofrimento, um ex-voto pode ser: vela, foto, flor, partes do corpo feitas em cera, barro ou madeira, e outros objetos.

Eles estão presentes nos ambientes em que existem milagreiros, com os agraciados levando várias coisas que sejam ligadas ao pedido atendido. Eles são divididos em diversos tipos. De acordo com a tipologia de Jorge González (1981), podem ser “*figurativos*”, pois são



objetos que expressam a graça obtida (partes anatômicas, figuras humanas, animais etc.); “*representativos*”, que expressam metonicamente um aspecto, elemento ou componente da totalidade do milagre operado (martelos, figurando trabalho; diploma figurando êxito escolar; muletas, figurando saúde recuperada); “*discursivos*”, caracterizados por descreverem os milagres através da escrita, como bilhetes e cartas; os ex-votos “*mediáticos*”, que são anúncios veiculados em jornais, revistas e outros meios de comunicação; por fim, o último tipo de ex-voto, que são os “*pictóricos*”, caracterizados por quadros pintados em madeira ou outros materiais, ilustrando milagres através de imagens, símbolos e palavras. (MARQUES DE MELO, 2008).

O ex-voto é linguagem<sup>6</sup>. Ele “fala”, conta, mostra algo; dá indícios do que precisa ser melhorado na comunidade e revela os dramas pelos quais várias pessoas passaram. Não é uma linguagem<sup>7</sup> verbal, mas transmite mensagens através das peças, que têm valor estético, e são feitas pelos devotos (ou compradas) para serem depositadas.

Luiz Beltrão, na sua tarefa de pesquisar e encontrar os meios comunicacionais pelos quais as populações que não adquiriram completamente a cultura alfabética transmitem mensagens, analisou os ex-votos e percebeu neles uma grande força comunicativa: cada objeto depositado trazia uma grande carga simbólica, tornando público um acontecimento. No artigo “O Ex-voto Como Veículo Jornalístico”, de 1965, Beltrão analisa vários tipos, como fotografias, ex-votos zoomorfos e simbólicos<sup>8</sup>, e aponta que qualquer peça colocada carrega em si informações que falam dos devotos, dos problemas e das insatisfações:

O ex-voto, na sua “ingênua exageração dos milagres” é, na verdade, um veículo da linguagem popular, dos seus sentimentos. Agradecimento a Deus e protesto contra os homens de governo, responsáveis pela situação lastimável em que se encontra a maioria do povo brasileiro. (BELTRÃO, 2004, p.123)

Porém, os ex-votos não seguem um padrão, eles não são os mesmos em todos locais de agradecimento, pois são resultados da realidade de um determinado grupo, com as peças sendo criadas a partir das experiências vividas. Alguns tipos são mais comuns, podendo ser encontrados em muitas salas dos milagres, como pernas e cabeças de madeira. Todavia, outros são mais individualizados, sendo consequência de acontecimentos específicos de uma

---

<sup>6</sup> “Há uma diferença, portanto, que não pode ser esquecida, entre língua e linguagem. Enquanto a língua se refere exclusivamente à linguagem verbal, ‘linguagem’ se refere a qualquer tipo possível de produção de sentido, por mais ambíguo, vago e indefinido que seja esse sentido. É assim que a poesia é muito mais linguagem do que língua e é assim também que o cinema e a música, por exemplo, são linguagens sem serem línguas” (SANTAELLA, 1996, p. 313).

<sup>7</sup> Para Beltrão, a linguagem é “qualquer sistema de signos empregados pelos seres vivos do reino animal para a expressão e/ou intercâmbio de informações”. (BELTRÃO, 2004, p. 71)

<sup>8</sup> Termos utilizado por Beltrão (2004, p. 139) para classificar os ex-votos. Para esse artigo, será empregada a classificação de González (1981).



comunidade, como no caso das garrafas de água deixadas ao Motorista Gregório, em Teresina (PI).

Os ex-votos são peças capazes de serem mensagem, de serem a linguagem do povo, que mostram suas dificuldades e suas crenças. Um olhar para as peças é o início da compreensão de que há muitas vozes dentro de cada objeto, contando uma história, pedindo ajuda ou mostrando experiências que ainda não foram vividas pelo observador/receptor. O ex-voto é uma mensagem querendo ser decodificada.

### **BREVE HISTÓRICO DO SANTO NÃO-CANÔNICO<sup>9</sup> MOTORISTA GREGÓRIO**

O Motorista Gregório tornou-se milagreiro no imaginário popular após a sua morte. Ele não tinha nenhum grande reconhecimento em vida, era apenas um garoto que trabalhava como motorista para a paróquia da cidade de Barras (PI), para o padre Lindolfo Uchôa. O veículo foi adquirido com a finalidade de o pároco visitar as localidades mais distantes e, assim, ter acesso a um número maior de pessoas.

Gregório Pereira dos Santos, o Motorista Gregório, era um garoto que foi residir em Barras do Marathaoan<sup>10</sup> (PI) e lá se tornou<sup>11</sup> motorista da paróquia local, do Padre Lindolfo Uchôa.

A história da sua morte e da sua santificação popular começou no dia 14 de outubro de 1927. Barras estava em festa porque Dom Severino Vieira de Melo iria visitar a paróquia local. Era uma visita rara, pois a população inteira se preparou, conforme explica Barros<sup>12</sup> em entrevista com este pesquisador:

A visita de Dom Severino deve ter sido uma visita muito rara, porque fizeram uma festa muito grande. Eu conversei com algumas pessoas que eram crianças na época e me disseram que a cidade mudou completamente. Fizeram um jantar muito grande para ele na diocese, tinha banda de música, que ficou montada uma tarde inteira esperando, e ele nunca apareceu. (BARROS, 2009)

Neste dia atípico, em que as ruas estavam enfeitadas e a população esperava a visita de Dom Severino, Gregório, dirigindo o Ford T, levava o juiz de Direito José de Arimathéa Tito, o coronel Otávio de Castro Melo e o padre Lindolfo Uchôa para receber Dom Severino na entrada de Barras. Ao passar pela Rua Grande, Manoel Cardoso de Vasconcelos, uma criança com 3

---

<sup>9</sup> O termo “santo não-canônico” será utilizado para designar alguém que é visto como santo/milagreiro, por um grupo de fiéis, sem ter o reconhecimento oficial da Igreja Católica. O termo “santo não-canônico” não será utilizado como sinônimo de “santo popular”, pois este se refere a qualquer tipo de santo, canonizado ou não, que é benquisto por uma grande quantidade de pessoas.

<sup>10</sup> O santo popular em questão, embora tendo sido reconhecido como tal no Piauí, tem a naturalidade desconhecida. Muitos cogitam que o seu nascimento ocorreu na Paraíba, porém o seu atestado de óbito diz que ele era piauiense.

<sup>11</sup> Não se sabe ao certo quem/o que o levou a Barras e nem seus primeiros trabalhos.

<sup>12</sup> Eneas Barros, autor do livro “Parabélum”, o qual é um romance baseado na história do Motorista Gregório.



anos e 10 meses de idade, saiu de dentro da sua casa e cruzou na frente do carro, sendo atropelado, com o pneu tendo passado por cima do seu peito, causando traumatismo na região torácica, levando-o à morte. A população local afirmava que foi uma fatalidade e que Gregório não teve como evitar o atropelamento.

Manoel era filho de Florentino Cardoso, inspetor de veículos e delegado da cidade. Florentino, ao saber que seu filho fora atropelado, prendeu Gregório, torturando-o e deixando-o sem comida e sem água. O juiz de Direito José de Arimathéa Tito, que estava dentro do carro no momento do acidente, ficou sabendo da prisão do motorista e expediu um *Habeas Corpus* para a liberação de Gregório.

O delegado disse ao juiz que iria cumprir a ordem, mas foi para Teresina levando o Motorista Gregório. Ele ordenou que João Fernandes, apelidado Peba, guiasse um caminhão até Teresina. Nele foram Guiomar (esposa do delegado), o caixão com o corpo de Manoel, o delegado, dois soldados e todos os pertences da família. Gregório viajou na boleia, acorrentado. Por causa da péssima condição da estrada, a viagem foi demorada, durando toda a noite até chegarem ao porto do “Porenquanto”, localizado na cidade de Teresina, capital piauiense, onde tiveram que descarregar o caminhão para ter condição de descer a ribanceira. Quando a carga foi descida, inclusive o caixão com o corpo de Manoel, Florentino, ao ver o féretro no chão, puxou a Parabélum e disparou um tiro na cabeça de Gregório.

Após o assassinato, Florentino Cardoso se dirigiu ao Quartel de Polícia e se entregou ao comandante, o major Delfino Vaz de Araújo, que imediatamente o prendeu. O delegado tinha muitas facilidades na prisão, podendo circular livremente. A fuga já era algo esperado, como descreve Arimathéa Tito:

No dia 17 de março de 1928, a imprensa de Teresina advertia as autoridades: planejava-se a fuga de Florentino. Outras edições de jornais diziam que o assassino gozava na prisão de regalias especiais, era visto nas ruas de Teresina e dormia tranquilamente em casa da família. Mandou então buscar animais em Valença. E às seis horas da manhã do dia primeiro de junho de 1928, saiu da cadeia, em companhia do ex-sargento José Durão, ambos armados de mosquetão – e ambos atravessaram o Poti. Era a fuga de Florentino. (TITO FILHO, 1987, p. 8)

Não é sabido como se deu o restante da fuga. O certo é que Florentino foi encontrado, oito anos depois, em Salvador, Bahia, sendo reconduzido para Teresina, chegando em 15 de janeiro de 1935, para então ser julgado pelo assassinato do motorista Gregório.

Florentino Cardoso, em depoimento prestado em 14 de setembro de 1975 a Vital Araújo, na cidade de Crateús, afirmou que foi vítima de perseguição do Padre Lindolfo Uchôa e que, no julgamento, os acusadores tentavam sensibilizar o júri:





No júri houve uma passagem interessante, era meu acusador, um rapaz que havia deixado o seminário há pouco e em determinado momento ele levantou a corrente, dizendo que trazia o preso amarrado com aquelas correntes, etc. O Dr. Francisco Parente pediu um aparte e disse que estavam ali fazendo um julgamento dentro do Código Penal Brasileiro e não com jogadas para sensibilizar o povo e concluiu: se fosse para sensibilizar o povo nós da defesa teríamos trazido para cá um caixãozinho de anjo, todo coberto de azul. Houve muitas palmas para meu advogado.

No primeiro julgamento, realizado em 21 de agosto de 1935, o delegado foi condenado a 19 anos e três meses de reclusão. O julgamento foi anulado, havendo uma segunda instância, com Florentino Cardoso sendo absolvido por unanimidade por ter sido considerado perturbado dos sentidos no momento do delito. Num terceiro e último julgamento o delegado foi considerado, mais uma vez, inocente, sendo absolvido da acusação de ter assassinado Gregório Pereira dos Santos.

Florentino não mais continuou no Piauí. Foi morar no Ceará, na cidade de Crateús. Para viver, realizava bicos na área de construção civil. Gregório, aos poucos, foi ganhando fama de santo, por correrem histórias de milagres realizados por ele. O delegado não se arrependeu de ter cometido o crime, pois, segundo ele, “conseguiu transformar um pecador em santo”, conforme expõe Araújo (1975) no jornal O Estado.

## **A ÁGUA NA EXISTÊNCIA DO SANTO NÃO-CANÔNICO**

A água é o elemento que tem mais brilho, que foi escolhida para marcar a tragédia e Gregório como santo não-canônico. Mas nem sempre foi essa visão a predominante. Para isso, este tópico irá contar como os jornais trataram o assassinato e como a água foi associada à história do motorista. Também mostrará como os devotos veem a ligação entre a água e o seu santo.

Após o assassinato do Motorista Gregório, em 1927, o caso foi assunto em jornais de Teresina, causando até rixa entre “Imprensa<sup>13</sup>” e “O Piahuí”. As matérias, utilizando a classificação de hoje, estariam na editoria policial, pois narram o atropelamento de Manoel Cardoso de Vasconcelos e o assassinato do motorista.

O jornal “Imprensa”, em 18 de outubro de 1927, um dia após o assassinato, publicou a matéria “Crime Monstruoso”, na qual conta que o atropelamento foi “inteiramente casual: passava o automóvel em uma rua, completamente às escuras, quando, a inditosa criança, saindo de uma porta, foi ao encontro do automóvel, recebendo ferimentos no rosto e contusões pelo

---

<sup>13</sup> As matérias do jornal “Imprensa” utilizadas para a elaboração deste artigo foram conseguidas com Vital Araújo, uma das pessoas que tenta a beatificação do Motorista Gregório. Ele possui transcrições das matérias do jornal supracitado. Não foi possível o acesso ao “A Imprensa” escrito em 1927 porque ele está lacrado na Casa Anísio Brito (Arquivo Público de Teresina) para ser digitalizado.



corpo”. Esse jornal continuou tendo como pauta o homicídio, publicando em 20 de outubro de 1927 um telegrama<sup>14</sup> vindo de Barras, no qual não identifica o autor, dizendo que:

Pessoas que viram na polícia o cadáver da vítima afirmam que ele tinha o ventre escavado e as costelas à mostra como a imagem de Cristo crucificado e que se notava claramente no pescoço a marca da corrente com que o algoz o suspendeu numa trave na ocasião do fuzilamento. (...) Que a misericórdia Divina se compadeça de nós e nos proteja, pois, da injustiça dos homens, nada temos a esperar. Ou somos um povo apodrecido até a medula dos ossos, ou a reação vem perto.

“O Piahuy” não publicou nenhum exemplar até o dia 27 de outubro de 1927, pois estava em reforma. A primeira informação a respeito do caso, nesse jornal, ocorreu na edição de 28 de outubro de 1927, contudo o foco não foi o assassinato em si, mas a oportunidade de desmentir e criticar o jornal concorrente, o “Imprensa”. Na matéria, as explicações sobre a arma e sobre a responsabilidade da apuração do caso vêm como consequência dos apontamentos do erro do jornal rival.

Pede-nos o sr. Secretário de Estado de Governo, bacharel Joel de Andrade Servio, tornemos público que, no caso da entrega do revolver uzado pelo ex-tenente Florentino Cardoso, autor do assassinato do infeliz Chauffeur, Gregorio dos Santos, a sua acção não foi, propriamente, a que relataram nossos collegas da “Imprensa”, pois s. s não tendo, absolutamente atribuições policiais, e conhecendo perfeitamente as que exerce, em virtude do cargo que ocupa, não teve, no caso em questão, a interferencia que se afirmou, naturalmente de pessoa mal informada. [...] São, portanto, descabidas as insinuações e commentarios tendenciosos de que, com relação ao caso, se fizeram echo aqueles nossos collegas da “Imprensa”, certamente, positivamente mal informados, por quem, em torno do factio tão simples na vida policial, procura tecer os fios anonymos de mal velada intriga. (JORNAL “O PIAUHY”, 28 DE OUTUBRO DE 1927)

O caso motorista Gregório ressurgiu na década de 1930 por causa da volta de Florentino Cardoso ao Piauí para ser julgado. No “Diario Official do Estado do Piahuy” foram emitidas notas do “Diario da Justiça” sobre o encaminhamento do processo e do “accórdão”, anulando o julgamento anterior e remarcando um novo.

Algumas linhas apontaram a sede do motorista, mas não foi a parte mais importante das matérias. Falavam da morte por tiro e da tortura sofrida. Os jornais divergiram sobre alguns aspectos, mas histórias da morte causada pela sede não apareceram, e muito menos de “santificação popular”.

Até a década de 1930 não foi encontrado nenhuma fala que reportasse ao Gregório como um santo. Era um caso policial que necessitava ser resolvido. Eles não falavam de morte por sede: a morte foi por tiro. Porém, o martírio foi muito comentado, sendo uma face da história que já foi vista em 1927 e é encontrada até hoje nos jornais e nos discursos dos devotos.

---

<sup>14</sup> Ainda nesse telegrama, a tortura foi relatada: “Gregório, durante a prisão, sofreu bárbaros espancamentos, não se lhe dando alimento nem água”.



Em 1975 o Motorista Gregório ganhou destaque novamente, pois, na data de 07 de setembro, o jornal “O Dia” publicou uma matéria sobre o caso, alegando que o delegado Florentino “hoje está cego e paralítico na cidade de Crateús”. Então, Helder Feitosa, dono de “O Estado” (um jornal concorrente), pediu para que o perito criminal Delfino Vital da Cunha Araújo localizasse e fizesse uma matéria com o assassino do Motorista Gregório, a qual veio com a manchete: “não é cego e nem paralítico, está completamente lúcido e com uma situação financeira razoável, o ex-tenente Florentino Cardoso” (JORNAL “O ESTADO”, 16 de setembro de 1975).

Nessa época, muitos devotos já visitavam o local em que ocorreu o assassinato, rezando, pedindo graças e levando garrafas com água para o santo não-canônico, como pode ser notado na matéria de “O Dia” de 07 de setembro de 1975:

O finado – como justifica para os mortos a linguagem dos vivos – passou a ser um verdadeiro santo em Teresina. (...) A festa do dia 17 terá sempre as mesmas garrafas d’água que os devotos colocam no túmulo de Gregório e as mesmas flores como respeito e crédito à sua inocência.

No início da década de 1980 foi inaugurado o monumento ao Motorista Gregório, localizado na Av. Marechal Castelo Branco, que é em formato de gota para representar a água e a sede pela qual Gregório passou. Em 1º de novembro de 1983 o jornal “O Estado” falou que “muitos piauienses acreditam que a alma do motorista José Gregório seja milagrosa e vão ao local onde foi assassinado, às margens do rio Poti, acender velas e pagar promessas” e que a prefeitura de Teresina “resolveu cuidar do local onde Gregório foi morto, construindo um monumento em sua homenagem”.



Monumento ao Motorista Gregório no Dia de Finados de 2009.  
Fonte: autor da pesquisa.

O monumento foi construído no local em que Gregório foi assassinado, onde está a árvore na qual os devotos acreditam que o motorista foi amarrado. As árvores que estão ao redor da obra foram tombadas em 18 de março de 2002, na gestão do prefeito Firmino Filho, por considerar:



[...] a necessidade de preservação da vegetação de porte arbóreo situada em sítios e paisagens de notável feição e especialmente sendo esta vegetação intimamente vinculada a fato memorável da história de Teresina; e CONSIDERANDO, ainda, o relevante interesse ambiental, histórico e religioso associado ao conjunto de árvores situado nas adjacências do monumento ao motorista Gregório Pereira Santos. (Decreto nº 5.092 de 18 de março de 2002)

Embora os jornais, em grande maioria, contem sobre a tortura e a execução por tiro, boa parte dos afeiçoados ao santo não-canônico não vêem a história dessa maneira. No Dia de Finados de 2010 foram realizadas 12 entrevistas com devotos que estavam no monumento ao Motorista Gregório, tendo, como um dos objetivos, conhecer a versão deles da morte do santo não-canônico. Quando a pergunta foi “Como Gregório morreu?”, há o seguinte resultado: 5 devotos acreditam que foi “morte por tiro”; 4 disseram “morreu *de sede*”; ninguém falou em morte “*com sede*”; uma pessoa disse que “um caba matou”, mas não sabe como; um devoto acredita que Gregório morreu por ter sido arrastado; e um não sabe.

Quando a pergunta foi “E essas garrafas de água... o que são?”, a tendência foi de os devotos falarem sobre a morte do Motorista Gregório, surgindo um resultado interessante, pois não é percebida somente a crença individual, mas o *imaginário criado pelo grupo*. O resultado foi: 3 devotos acreditam que as garrafas “‘*diz*’ que morreu *com sede*”; um vê que elas “‘*diz*’ que morreu *de sede*”; três acreditam que é por que Gregório “morreu *de sede*”; como também outros 3 por que ele “morreu *com sede*”; um devoto disse que representa a sede que Gregório passou; e outro falou como usa a água.

Há diferença entre as frases “morreu *de sede*” e “morreu *com sede*”, pois a primeira diz que a sede foi a *causa mortis*, enquanto que a segunda afirma que o motorista estava *com sede* na hora da morte. Ainda existe diferença entre falar que “*diz que*” e em afirmar que “morreu *de/com*”. O primeiro se refere ao imaginário do grupo, enquanto que o segundo está relacionado com a versão do devoto. Todos os entrevistados associam o ex-voto “garrafa com água” à sede. E não há nenhuma peça exposta que lembre a morte por tiro.

No *imaginário dos devotos*, a visão de uma morte *com sede* é a mais constante, aparecendo 6 vezes, enquanto que a de uma morte causada por ela foi apresentada 4 vezes. A morte *com sede* é que permeia o imaginário do grupo. Porém, a sede, tendo sido ou não atribuída a ela a morte, está presente em quase todas as versões, e é ela, aliada ao fato de o Motorista Gregório estar na beira de um rio sem poder se hidratar, que é o modelo.

É mais recorrente a versão da morte por tiro nos meios de comunicação de massa, como nos jornais (que foram analisados), do que entre os devotos, mas ambos sempre falam da sede durante o martírio.



A maior parte dos ex-votos deixados ao Motorista Gregório são garrafas com água. Alguns deixam comida para o milagreiro. Outros tipos são encontrados, tais como os figurativos e discursivos. No próximo tópico será feita uma análise dos ex-votos encontrados, principalmente das garrafas com água, no intuito de entender o que elas querem dizer e como esse símbolo foi formado.

## **EX-VOTO PARA O MOTORISTA GREGÓRIO**

Os ex-votos indicam, na maioria das vezes, a graça alcançada. Se foi uma perna curada, coloca uma perna de madeira ou gesso; se foi êxito escolar, coloca um diploma. É comum a peça passar uma mensagem próxima do que foi a graça.

O Motorista Gregório conta com tipos de ex-votos mais comuns, como os figurativos. Porém as garrafas com água aparecem em maior número. Os vasos podem ser de cerveja, de cachaça etc., sendo as garrafas descartáveis de refrigerante as mais recorrentes. Lá estão para oferecer água a um injustiçado, hoje milagreiro, que, no imaginário dos devotos, morreu com sede olhando para o rio Poti. No Dia de Finados de 2010 foram depositados, contando apenas as garrafas PET, 115 no monumento ao Motorista Gregório e 108 no túmulo dele.

As garrafas podem significar qualquer coisa, qualquer tipo de graça, desde o devoto ter conseguido um emprego até ser um simples presente para o santo. Pode ter sido motivado por um milagre ou pela vontade de o fiel dar água ao Gregório.

Se alguém vê uma muleta, por exemplo, numa “sala dos milagres”, associa logo à saúde recuperada através da ajuda do santo. Porém, a muleta não tem uma ampla gama de mensagens, pois, por exemplo, muito dificilmente será interpretado como a recuperação de um barco após uma tempestade. Mas as garrafas com água depositadas ao Motorista Gregório podem ter inúmeros conteúdos simbólicos.

Assim como escolhemos a palavra “mesa” para representar um “móvel que, além de outras aplicações, serve para sobre ele se porem as iguarias, na ocasião da refeição, e se executarem ou prepararem certos trabalhos artísticos ou mecânicos” (DICIONÁRIO MICHAELIS), os devotos elegeram o objeto que depositariam ao santo não-canônico. A palavra “mesa” é um significante, ela foi construída, por um povo, em um contexto, para ter um conteúdo. O ex-voto “garrafa com água” foi construído historicamente, é o resultado do martírio sofrido pelo Motorista Gregório; um produto da morte sofrida, da sede estando à beira de um rio e da transmissão de mensagens entre as pessoas e pelos meios de comunicação de massa. A garrafa com água como símbolo foi criada para representar o Motorista Gregório como milagreiro.



O santo é criado pelo povo. São criados “santos de casa”, pois são “sempre entidades concordantes com os seus devotos, espécies de **DII CONSENTES** ou **DII COMPLICES**, demasiados compreensivos e sem maior análise finalista quanto ao interesse moral das súplicas. A convivência é uma coexistência psicológica” (CÂMARA CASCUDO, 1974, p. 96). O contato entre os devotos ajuda a fermentar um imaginário que fortalece a santificação do Motorista Gregório, assim como a estabelecer símbolos que o marcarão, servindo de referência e marca atuante na lembrança das pessoas.

Tanto a palavra quanto um símbolo de religiosidade popular são impostos pelos processos históricos, e a garrafa com água como ex-voto passou por isso, continuando sua ação de fortificação com a ajuda do *habitus* dos devotos.

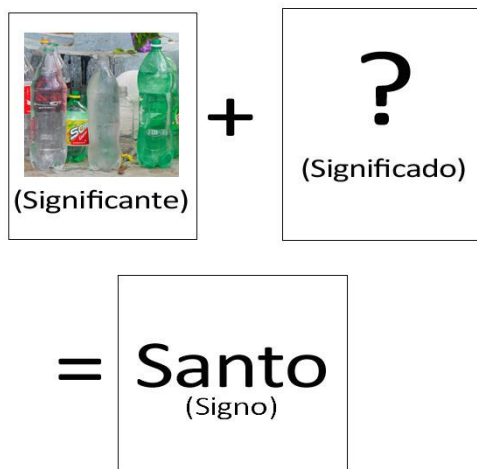
O princípio unificador e gerador de todas as práticas e, em particular, destas orientações comumente descritas como “escolhas” da “vocação”, e muitas vezes consideradas efeitos da “tomada de consciência”, não   outra coisa senão o *habitus*, sistema de disposi es inconscientes que constitui o produto da interioriza o das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determina o, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas. (BOURDIEU, 2005, p. 201-202)

E essa prática de passar, de uma pessoa para outra, crenças e modos de agir   um papel efetuado pela educa o (não somente a formal), pois esta transmite uma determinada cultura. Isso   comum entre as pessoas que creem nos poderes do santo, pois as informa es que ajudam na forma o de um devoto são provenientes da família e dos amigos, que indicam o local e contam as histórias. A intimidade criada com as visitas ao monumento favorece a transmissão e a manuten o de algumas a es, transformando a “herança coletiva em inconsciente individual e comum” (BOURDIEU, 2005, p. 346).

Os jornais elegeram a história da morte de Gregório para ser contada. A popula o, tendo a “sede” no imaginário, o escolheu para ser um santo. Barthes, em “Mitologias”, afirma que “Lejana o no, la mitología s lo puede tener fundamento histórico, pues el mito es un habla elegida por la historia: no surge de la ‘naturaleza’ de las cosas” (2002, p. 200). O santo não-canônico Motorista Gregório   um produto histórico, assim como os ex-votos a ele depositados.

Quando   colocada uma garrafa com água no monumento, ela “diz” que ali há um ente querido que   capaz de fazer milagres. Se o receptor não conhece a história, não entender  o porquê de ela ser depositada. Mesmo que conheça, não saber , ao certo, o que ela quer dizer. Curou uma doença? Recuperou um carro? Ajudou o devoto a ter um emprego? Ou   somente um agrado? Ela pode ser colocada sem que tenha acontecido milagre. Há apenas uma certeza:

uma garrafa com água foi colocada para alguém que ajuda a população. Existe um significante e um signo entendíveis, mas o significado não é:



Essa criação é resultado de uma “concentração simbólica”, que é a junção de histórias e vontades num único objeto, o qual representa qualquer tipo de promessa e cura, ou qualquer outra coisa, dependente apenas da imaginação do devoto. Assim como um capital simbólico<sup>15</sup> faz de alguém ser reconhecido num campo<sup>16</sup>, a garrafa com água acumulou uma ampla gama desse capital, sendo ela a referência quando se fala no Motorista Gregório. São depositadas cartas, fotos, placas etc., mas a imagem forte é a garrafa com água. E ela pode representar qualquer coisa, pois tem um significado avolumado, torna-o difícil de ser entendido, pois não existe uma especificação. É uma formação privativa, sendo consequência dos processos históricos, sendo “estruturas complexas, constituindo símbolos de profunda significação e apresentando uma articulação lógica peculiar” (BELTRÃO, 2004, p. 69).

Quando há significante com poucos significados a comunicação se torna mais inteligível; um significante com um significado cria uma ligação entre emissor e receptor menos ruidosa. A garrafa com água como ex-voto foi incorporando a morte de sede, morte com sede, a ajuda dos devotos para amenizar a sede do santo, as graças alcançadas. É um ex-voto capaz de representar qualquer tipo de milagre, ou nenhum. Trocando em miúdos, está mais para poesia do que para um texto jornalístico.

Três citações, conseguidas durante as entrevistas no monumento ao Motorista Gregório, podem ser usadas para exemplificar a riqueza de sentidos que as garrafas podem ter. O devoto

<sup>15</sup> “A acumulação desse capital pode levar um determinado agente a conquistar a hegemonia dentro de um campo” (MARTINO, 2005, p. 34).

<sup>16</sup> “A noção de campo pode ser entendida como espaço estruturado de posições, ocupadas por agentes em competição, cuja lógica de funcionamento independe desses agentes. Dessa forma, o campo se define primeiramente como espaço, lugar abstrato, onde age o pessoal especializado no jogo pela conquista da hegemonia, prerrogativa de determinar as práticas legítimas em cada campo” (MARTINO, 2005, p. 32-33).



K<sup>17</sup> associa o ex-voto a promessas: “É um símbolo. É o povo querendo matar a sede. Sabe? Todo mundo vem e traz. Faz a promessa. Se alcançar a graça, traz uma garrafa d’água”. Já o devoto F fala em amenizar o sofrimento do santo: “É por que ele morreu com sede e eles acham que botando a água aí alivia o sofrimento dele onde ele estiver”. Por último, o devoto I, que mora no Pará e foi a Teresina cuidar de um problema na perna, vê a prática de forma diferente: “Traz a água. Aquela pessoa que tá com fé pode voltar com ela, como se fosse um remédio. (...) Eu lavo muito minha perna aqui”.

As garrafas com água passam mensagens de milagres, mas entender quais milagres foram realizados é complicado, e isso por causa da alta concentração simbólica, que não consegue torná-las mais fáceis de entender, muito pelo contrário.

## CONCLUSÃO

Os ex-votos são capazes de informar, seja às pessoas que participam de uma determinada comunidade, seja quem vê de fora a manifestação. Salas dos milagres estão espalhadas por todo o Brasil, com inúmeros santos (canônicos ou não) recebendo pagamentos pelos milagres realizados. O Motorista Gregório é um desses milagreiros criados pela fé de um povo. “O povo faz seu santo” (CÂMARA CASCUDO, 1974, p. 93), elege quem será capaz de curar e amenizar as dores. Porém cada santo é criado num contexto específico, que tem carências particulares, e a criação de símbolos é dependente dos ambientes nos quais foram fermentados.

A formação do santo não-canônico Motorista Gregório teve início logo após o atropelamento. Os moradores das cidades de Barras e de Teresina ficaram sensibilizadas com o sofrimento, com os jornais publicando o caso logo após a morte do Motorista e a população não aceitando a barbárie, tanto que, o próprio Florentino Cardoso relatou a “buzinadeira” feita pelos motoristas na missa de 7º dia do motorista. O martírio tem essa capacidade de comover as pessoas, basta ver a quantidade de santos que foram seviciados. Alguns exemplos são: Santa Catarina de Alexandria, Santa Dorotéia, Santa Joana D’Arc, Santa Lúcia, São Cipriano, São Sebastião etc. Nos santos não-canônicos essa característica também é comum.

A imagem de milagreiro é transmitida por vários meios de comunicação, como a oralidade, os jornais e os ex-votos. O *habitus* tem importância nessa difusão, pois ele ajuda a tornar “natural” algo criado historicamente. Os devotos o fazem porque assim foi ensinado, assim foi visto, assim é.

Em relação à garrafa de água como ex-voto, ela ganhou o poder de representar o Motorista Gregório, porém, juntou em si muitas representações, tornando-se uma transmissora

---

<sup>17</sup> Letras aleatórias serão utilizadas em vez dos nomes dos devotos. Isso para garantir o sigilo.





de mensagens, porém, que não consegue especificar quais os motivos de os devotos lá a depositarem. Há muito conteúdo simbólico numa única peça.

Os devotos não colocam as garrafas no monumento pensando em se comunicar com outros semelhantes. Eles querem falar com o santo, agradecer alguma coisa e/ou ajudá-lo na sede. Mas essa ação tem como resultado a comunicação, que pode ser mais ou menos clara.

Desta forma, o Motorista Gregório é criado pelas ações das pessoas, assim como os símbolos que o cercam. Não é algo construído rapidamente, mas que precisa ser vivido, para, então, pouco a pouco, descartar algumas características e sedimentar outras.

## REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. In: Formação Histórica do Catolicismo Popular Brasileiro. In: **A Religião do Povo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1978, p. 44-71.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BARROS, Eneas. **Parabélum**. Teresina: [s.n.], 2008.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 13ª ed. México, DF: Siglo veintiuno editores, 2002.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CÂMARA CASCUDO, Luiz da. **Religião no povo**. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1974.

CÂMARA CASCUDO, Luiz da. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9ªed. São Paulo: Global Editora, 2000.

DIAS, William Palha; ARAÚJO, Delfino Vital da Cunha. **Motorista Gregório: mártir ou santo?** Teresina: Editora Gráfica Expansão, 2005.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e Cultura Popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico**. São Paulo: Paulus, 2003.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Net**. Porto Alegre, 2001. Seção Documentos. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/285>

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Conceito de Religiosidade Popular. In: **A Religião do Povo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1978, p. 9-15.

SANTAELLA, Lúcia. **Produção de linguagem e ideologia**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 1996.